

1037

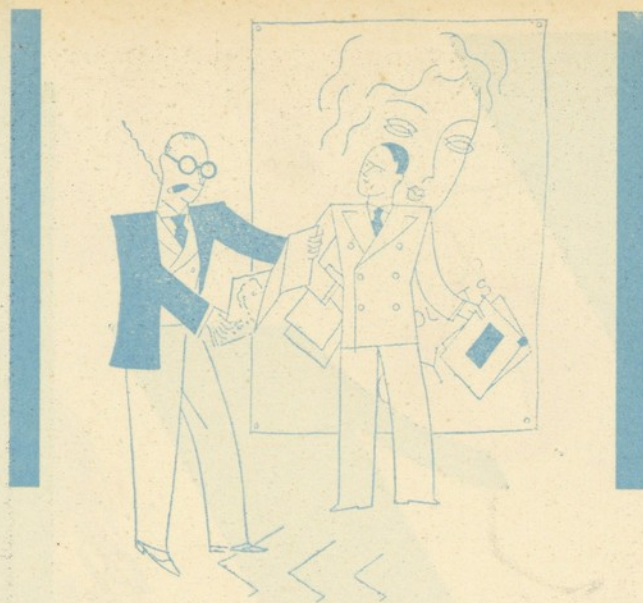


DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO

# *Movimento*

QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$5



**Armando & Armando**

---

**PUBLICIDADE**

**Rua Elísio de Melo, 28 — Sala 4 — PORTO**



*Agfa*

*Agfa*

*Agfa*

*Agfa*

*Agfa*

*Agfa*



Já experimentou  
o AGFA-MOVEX?



**Em Hollywood todas as  
piscinas são pintadas com**

**MURALINE**

**TINTA A ÁGUA**

---

**MÁRIO COSTA & C.A, L.<sup>DA</sup>**  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º  
TELEFONE, 2571 — PORTO

# Meu caro Emilio Loubet

Li, com profunda máguia do meu coração de amigo e do meu naturalissimo amor-próprio de homem a «carta-aberta» que você, numa hora tam falha, me escreveu.

Máguia do meu coração de amigo porque, afirmando você tantas vezes ser sempre o primeiro a chegar a tôda a parte, essa verdade que você supõe gloriosa e eu entendo triste o fez desta vez chegar, com a sua já proverbial antecedência, a uma atitude muito feia, muito desleal e até mesmo lamentavelmente ridícula.

Máguia do meu naturalissimo amor-próprio de homem porque, se entre aqueles que se dedicam a escrever, você, sendo o primeiro, é assim, como serei então eu que me deixo ficar pacatamente entre os últimos?!

Meu caro amigo: Se eu quizesse usar do seu processo poderia responder-lhe, parafraseando a «Canção de Lisboa»: *inconveniências há muitas, seu palerma!*

Isto possuiria, porém, defeitos vários. Seria responder alegremente à sua carta, que era uma coisa triste; seria portar-me incorrectamente para consigo, que foi para mim de uma tam escrupulosa bôa educação; seria fazer espirito à custa da «Canção de Lisboa» que não tinha mesmo espirito nenhum; seria, finalmente, chamar-lhe palerma, coisa que você não é, mau grado os seus violentos esforços para o parecer.

Ora isto será — você não acha? — uma acumulação de anacronismos.

E nem mesmo nisso eu quero disputar-lhe essa primasia que você adquiriu à custa da exteriorisação constante do seu talento de critico, da sua audácia de reporter, da sua intelligência de homem de letras, da inflexibilidade do seu carácter de trabalhador infatigável, de tudo emfim que o colocou nêsse destacado lugar em que está e em que oxalá Deus longamente o conserve, para vaidade sua e divertimento meu.

Mas não exageremos, Loubet amigo! O facto de eu ter uma grande amisade por você, não quiere dizer que eu não tenha mais nada que fazer do que adorar e aumentar esta amisade e esta admiração, como o facto de me divertirem sempre deliciosamente os seus escritos não quiere dizer que eu mereça que você mos dedique, exclusivamente.

Agradeço-lhe, no entanto, as palavras amigas que me dirige. Gosta da minha revista? Também eu gosto da sua a que você com tanto desdém, ou com tanta modéstia — a modéstia e o meu querido Loubet, são companheiros vèlhos, não é assim? — mas a que você com tanto desdém chama «revista barata». Vê? Eu não acho. Acho-a até muito arranjadinha, sôbretudo agora que moldou a sua paginação mais ou menos pela nossa.....

Diz-me também que leu a prosa e o verso dos meus redactores e que gostou sôbretudo do verso. Que tenho eu com isso Loubet? Você está perfeitamente no seu direito de meter o nariz na prosa ou no verso de quem lhe apeteça. Pois não é você um grande reporter e não é costume de reporter meter o nariz em sitios escuros?

Mas por amor de Deus, se é meu amigo, poupe-me. Estou escrevendo pela noite fóra, roubando o tempo de lhe escrever ao meu descanso. Veja as provas de amizade que lhe dou, e pense com remorso na feia ingratidão com que as recebe.

Dizem que depois da morte há outra vida. Eu não sei. Mas em todo o caso prepare-se para o pior, Loubet amigo e não persevere na ingratidão, pecado tam feio perante a consciência divina, como perante a dignidade humana.

Pois já se viu uma coisa assim?

Num artigo publicado aqui, affirmei eu, públicamente, a minha amisade e a minha admiração por si; depois, com brandura de amigo e respeitoso jeito de discipulo inhâbil, dei-lhe, sôbre a obra de Farrêre, algumas indicações que você parecia desconhecer; fiz-lhe, em suma, uma conscienciosa e amável publicidade, no dizer do seu director para quem dizer bem ou dizer mal, tudo é réclame.

E você, em paga, vem, para me demonstrar altivamente que possui uma edição do Petit Larousse, e que lá vai buscar, de momento, uma erudição à medida das suas necessidades, fazer trocadilhos com o meu nome — coisa tam velha e tam desleal, Emilio Loubet! — e dirigir obscenidades disfarçadas aos pobres ferroviários — você não falou em revisores? — que nenhuma culpa têm de que o «Movimento» seja uma revista bôa e se venda bem. Porque o fundo das coisas é êsse, e isso não é bonito, amigo Loubet! Que demónio! Se o seu nome é illustre, o meu é honrado. Você não troca? Nem eu. Fiquemos, pois, assim. Mas visto que estamos de acôrdo, não discutamos.

Diz-me você ainda que, quando me conheceu era eu comerciante. Engana-se. Era empregado comercial. Isto não tem interêsse nenhum? Talvez. Mas eu prefiro não estar ao lado dos patrões, compreende?

E agora tenha paciência, mas vou-me deitar. Escreva-me quando e quanto lhe apeteça. Cartas abertas ou fechadas, anônimas ou com assinatura reconhecida — você pensou nisto, pois pensou? — sendo cartas suas, todas nos divertem.

E nos tempos bicudos que vão correndo, em que tudo é tam triste e tam difficil, escrever como você escreve, Loubet amigo, é um acto meritório, pelo riso que traz.

Escreva portanto quando quiser. O que você desculpará é que não lhe responda. Compreende: falta-me tempo, falta-me paciência e falta-me sobretudo essa audácia quási inconsciente que a você lhe sobra.

Depois, os nossos leitores não têm absolutamente culpa nenhuma dos seus embaraços gástricos, nem eu posso responder às suas palavras que semelham pedradas, porque me falta a vocação e consequentemente o treino dêsse lamentável e deprimente sport.

E mande sempre o seu admirador sincero e o seu amigo dedicado

Armando Vieira Pinto.

P. S. — Lembrou-me agora uma frase duma sobrinhita minha que tem de facto espirito e que, mesmo sem vir a propósito, não resisto a contar-lhe:

Há, nos quintais visinhos do meu, uma quantidade tremenda de galos. Claro, ao amanhecer, os cavalheiros cantam. E uma destas manhãs enquanto eu e a petiza almoçavamos, ela para ir para a escola, eu para ir para o trabalho, sai-se-me com esta: «Ó tio Armando! Ouça êste galo. Tam desafinado e é o que canta mais!» Tem graça, não tem? Tanto mais que a petiza não o conhece, Loubet amigo.

A. V. P.

# Canção de Lisboa

---

Eu não sou nacionalista. Mas sempre tive e tenho ainda uma grande ternura pelo cinema português. De há muitos anos que acompanho, com uma fé que tudo me levava a perder, todos os esforços mais ou menos isolados e mais ou menos errados que se têm tentado, e nunca, até agora, neguei um carinhoso amparo àqueles que sincera e honestamente quiseram fazer cinema em Portugal. Foi levado por essa ternura e esse carinho que, quasi só, provoquei uma salva de palmas quando «Maria do Mar» se estreou no Pôrto, facto que nunca mais se repetiu entre este público tam frio e tam aváro de manifestações. Foi essa ternura e esse carinho que me fizeram perdoar os defeitos enormes de «A Sevêra» para apenas ver e premiar com o meu aplauso modesto aquilo que, apesar-de tudo, encerrava de belo, expresso com verdadeiro sentido cinematográfico e era o fruto dum grande esforço criador preso ainda pela inexperiência dos primeiros passos e pelas dificuldades de que se via rodeado.

É ainda essa ternura e esse carinho que me fazem desejar, para Portugal, um cinema puramente português, com estilo e características próprias e originais, capaz de atravessar fronteiras e ir lá fora apresentar-se como obra de arte representativa do esforço, sentido e sincero, dos nossos artistas. Mas nesta altura é preciso começar-se dizendo brandamente as coisas como elas são....

«A Canção de Lisboa», quer pelo assunto quer pela sua construção, encerrou-se num ambiente muito limitado, num ambiente de bairro, que lhe autoriza apenas a sua livre circulação dentro do nosso país. É uma farsa impessoal que só deve ser vista e só pode ser compreendida por um público português. Ao imaginar e realizar essa obra, não se procurou um estilo, uma «maneira», que a caracterizasse (ou se se procurou, não se atingiu) e o singelo conflito que se desenrola anedoticamente não oferece valôr ou interesse bastante para cativar um público que não seja o público popular de Portugal, sem exigências artísticas e que gostará de rir-se com um filme cuja língua conhece, cujos tipos lhe são familiares e cujas situações mais ou menos engraçadas o divertirão. Creio mesmo que a idéa dos autores de «A Canção de Lisboa», desejando colher um seguro sucesso comercial, não foi outra senão a de fazer rir, procurando divertir um público benévolo que não está ainda habituado a filmes portugueses. Pessoalmente, acho pouco. E não é pelo prazer de dizer mal (porque não sinto tal prazer) que afirmo isto. É ainda a minha amizade pelo cinema português, que não é hipócrita, que não é fingida, que vem pedir, com os reparos feitos, que ao filme português se dê orientação diferente. Eu compreendo perfeitamente que o primeiro filme saído da «Tobis Portuguesa» tivesse de ser uma obra puramente comercial. Não condeno pois «A Canção de Lisboa», que representa muito trabalho e muito dinheiro. Só peço que não façam outra «Canção de Lisboa».

Para um estreante como Cottinelli Telmo, «A Canção de Lisboa» representa obra de vulto. Mas Cottinelli é inteligente bastante para, por si próprio, apontar os erros e as imperfeições do seu filme. Porisso, não lhe ponho um braço pelas costas com ares protectores (sistema muito usado em Portugal) ao falar, agora, detalhadamente duma obra sua, cujo valôr êle é o primeiro a apreciar devidamente. Dir-lhe-ei francamente que não gostei da maneira como desenvolveu certos episódios, usando uma construção pouco cinematográfica (se bem que algumas vezes se tenham colhido bons efeitos cómicos), porque freqüentemente a acção do seu filme parece transportar-se para o palco o que, em cinema, é sempre defeito grave. Direi ainda que em «A Canção de Lisboa», que por vezes tem graça, a beleza não encontra lugar e que uma certa vulgaridade na composição de toda a obra não foge a reparos....

Mas «A Canção de Lisboa» não tem só defeitos. Guardei para o fim, propositadamente, as palavras de elogio. Acho excelente toda a entrada do filme, focando primeiro o Terreiro do Paço duma maneira inédita e levando-nos aos poucos, gradualmente, por entre o casario da Lisboa velha até ao local onde a acção principia. Noto também igualmente a cena da janela com a Beatriz e o Vasco. Chamo a atenção para a valsa cantada pela Beatriz, ilustrada com imagens de Cintra. É o sonho duma costureira, visto, como não podia deixar de ser, em imagens—bilhete postal. Um bocadinho de bom cinema, feliz e bem imaginado. Gostei ainda das cenas na Academia, até ao momento da coroação da «rainha das costureiras», demonstrando excelente observação e dando bem todo o ridículo de tais solenidades. O «gag» da cêgada foi outro momento feliz a adicionar-se às qualidades de «A Canção de Lisboa».

Infelizmente, num balanço geral, o filme é mediocre. A publicidade agressiva que certa imprensa levantou à sua volta não lhe servirá de amparo. E eu reconheço, com tristeza, que o grande apoio moral e as grandes facilidades materiais de que a Tobis pôde dispôr, não bastaram para a sua primeira produção, realizada no mais favorável ambiente, se apresentar como obra de valôr digna de aplausos. Foi péna.

---

Firmes. Que ninguém estremeça. Mas vejam que beleza! É Adrienne Ames, da Paramount. Reparem para os seus olhos, para o nariz, para a boca. Pensem no que seria passear, numa noite de primavera, num automóvel todo branco, por uma estrada lisa, muito devagar, com esta mulher ao lado. Olhá-la em silêncio, ouvindo cantar as cigarras e os ralos. Pensem bem nisto, uma vez, duas vezes, muitas vezes.

E vão depois namorar encostados a um candieiro.....

---



# Com sobrescrito à Fernanda

Minha muito ilustre camarada: Lanço mão da pena mais contristado e dorido do que seria para esperar, de mim que, desde os bancos universitários onde fomos companheiros, muito a admiro, não só pelos seus invulgares dotes de estudo, assimilação e talento, que os tem no superlativo, mas sobretudo pela excepcional virtude de nunca ter deixado de ser sincera para consigo própria.

Aí mesmo é que eu bati no vinte, e é por isso também que eu me decido a escrever-lhe sem alegria e quasi confrangido, a propósito duma sua prosa publicada numa revista da especialidade que em Lisboa se edita e onde você faz esta afirmação aflitiva de que a «Canção de Lisboa» cria definitivamente o cinema português.

Tal prosa deixou nos meus camaradas de redacção que a não conhecem, uma impressão desagradável à qual eu próprio me não posso subtrair, agora que entro em casa depois de ter assistido no «Trindade» à exibição do primeiro filme sonoro português feito por portugueses — com monópólio e tudo...

Acabo precisamente de ler pela terceira vez essa sua prosa a todos os títulos infeliz, na verdade, e não me furto a dizer-lhe, minha boa amiga, que você fez muito mal em ter escrito aquilo.

É claro que você não admite conselhos de ninguém, nem eu lhos pretendo dar, quando eu nada valho junto de você que sabe tudo e tam bem. Você que esteve no estrangeiro, frequentou a Sorbonne e nos aparece agora sábiamente sorbonada, não deixará de levar o seu optimismo até sorrir de desprezo das impertinências deste misero e mesquinho provinciano dos arrabaldes do Pôrto, como porventura até do próprio público para quem você afinal escreveu — já que você levou esse mesmo optimismo até ao excesso de semelhante afirmação. Ela é na realidade o cúmulo do optimismo.

Ora é precisamente a opinião do público que a leu e que a lê, que viu e ouviu a «Canção de Lisboa», aquilo que me inquieta e me confrange, pois quero crer que a impressão por você provocada nesse mesmo público, não há-de diferir muito da minha e da dos meus camaradas de redacção, quando você não é em nada merecedora dela.

Quanto a mim, a sua afirmação só tem um defeito: é o de que você ao fazê-la não foi sincera para consigo própria. Isso é que pode levar a equívocos. De-resto até acho bem que você soubesse ser agradável à Tobis que é uma empresa produtora de filmes ainda em principio de vida e que, além do precioso auxílio do Estado, e talvez mesmo por isso, bem precisa do carinho do público cinéfilo.

A audácia inconsciente que a mim me causa pasmo é, porém, diversa daquela que a fez a você pasmada, pois é aquela audácia com que pessoas, que já conheciam o primeiro filme da Tobis e cujo melhor conhecimento do cinema está longe de se fundar no aproveitamento das borlias, afirmavam — e ainda afirmam, santo Deus! — que a «Canção de Lisboa» tem de ser um grande filme. O que me causa indignação — e a nós, os do «Movimento» — não é o desdém com que esses que nada produzem tratam a alheia capacidade de trabalho, mas esse imperativo categórico, essa *fê ingénu*a que leva muitos a acreditarem na superioridade dogmática dos portugueses a trabalhar para o estrangeiro. Isso, Fernanda, é que me indigna — e me causa dó!

Aliadas à sua muita bondade e ao seu imaginativo optimismo, você viu a «Canção de Lisboa» por aquelas mesmas lunetas côr-de-rosa — ou por outras parecidas — com que no dizer já proverbial duma velha sebenta coimbrã do meu tempo, Stanley Jevons viu a vida económica. Se você não tivesse visto a «Canção de Lisboa» com as tais lunetas côr-de-rosa, mas à vista desarmada... de qualquer sugestão, você notaria que a ironia do filme, por exemplo, não adquire sequer uma justeza relativa, mas difusa, encoberta, incertíssima e grotesca, em vez de cheia de espirito. Verificaria então que a «vampe» plebeia e os apaches fracassados estão muito acima da tal leveza graciosa, da tal ironia que você considera tão precisa como só René Clair a tem conseguido, não se lembrando que no parágrafo imediatamente anterior àquele em que assim considera René Clair, deprime e rebaixa uma das suas mais curiosas produções considerando a «Canção de Lisboa» superior ao «14 de Julho»: você confunde, assim, lamentavelmente os pés com as mãos.

Sobre René Clair: pois se até ha muito doutor formado e informado que o considera pura invenção dos jornalistas! Por pouco não passa à categoria de ser mitológico...

Depois, você foi encarregada de fazer uma crítica oficial — o que não é nada a mesma coisa do que fazer uma crítica meramente particular, pessoal e intransmissível. Se assim fôsse quero crer que você não escreveria o que escreveu, não porque você mudasse de opinião, que a sua opinião não muda facilmente, mas porque mudaria com certeza de orientação.

Enfim, eu não quero fazer uma crítica à «Canção de Lisboa», embora pudesse citar-lhe tantas passagens do filme como exemplos comparativos: a inverosímil chegada das tias do Vasquinho ao Rocio, a própria sessão na Academia Recreativa que você acha excelente, etc... A crítica está entregue ao Alves Costa que muito melhor do que eu dirá da sua justiça. O filme, mesmo, tem certas coisas aceitáveis e enfim eu não me esqueço também de que estamos em face do primeiro filme sonoro português feito por portugueses...

O que eu lhe queria dizer — isso sim! — é que se não fôsse o réclame exagerado e absurdo que se fez e faz do filme, proclamando-o como a oitava maravilha do mundo, passando muito além da Taprobana, excedendo tudo quanto a antiga musa canta, que aquilo é a maravilha fatal da nossa idade e outros epítetos e exclamações igualmente camoneanos, dos quais você participou também com a sua prosa infeliz, dizendo que aquilo é que era o *suco* — se se tivesse mais o sentido das proporções definidas, talvez a «Canção de Lisboa» tivesse lucrado mais. Assim...

Seu, sempre às ordens



# Notas sôbre o cinema soviético

De «Nuestro Cinema» a curiosíssima revista de Juan Piqueras, traduzimos com a devida vénia, esta página.

O cinema podia ser um elemento de primeira ordem na balança comercial soviética, se a produção fôsse melhor preparada para os mercados capitalistas. Vi obras simplesmente magníficas que por motivos políticos não poderão nunca ser exibidas fora da Rússia. E é pena, pelas formidáveis lições de técnica que encerram.

De um modo geral, e a meu ver, o mais característico do actual cinema soviético é a absoluta e completa eliminação dos factores eróticos. Coincide com isto a ausência do sentimental que em todos os seus aspectos, é substituído pela paixão social e política. Mas isto mesmo foi cuidadosamente limitado de modo a evitar o perigo do «monumentalismo». De resto, está provado que essa mania do monumental é o forte do cinema fascista.

Com estes elementos e a quasi desapareição do actor profissional, conseguem-se filmes de composição estupendos. Quanto aos documentários, todos sabem que ninguém pode, sequer, aproximar-se dos russos. Esses dois «tipos» em que o cinema soviético, como o capitalista, se divide, são considerados na U. R. S. S. apenas como uma poderosa arma para a luta de classes. Os realizadores jovens, Trauberg, Youtkevitch, Ermler, fizeram obras primas, das quais algumas se tornaram conhecidas fora da Rússia. Os velhos, como Eisenstein, passaram já à categoria de clássicos.

Nos cinemas de Moscú e outras cidades são projectados também filmes importados. Assistimos no cinema Udarnic à exibição de uma película americana que viramos aplaudir, ha anos, pela pequena burguezia madrilena. A película era uma «alta-comédia»: gente de casaca, salões, conflito sentimental e bôda com os costumados tipos característicos: o velho solteiro e cinico, a mulher adúltera, o heróico filho que volta da guerra. O público era composto de operários, soldados e camponeses — tôda a gente, na U. R. S. S. é uma destas três coisas — e, ante as cenas mais sentimentais e mais patéticas, ria, como se se tratasse de um filme de Charlot. A tal ponto a produção soviética educou já a sensibilidade do espectador!

Técnicamente, o contraste entre as películas americanas e as russas é desastroso para as primeiras.

E o público bem o compreende.

Os filmes são rigorosamente criticados sob todos os pontos de vista. O celuloide é largamente esbanjado, porque se considera justamente o cinema como um poderosissimo processo de educação.

Os documentários, por exemplo, são sujeitos a uma «crítica de multidão». Recordo-me de um documentário da guerra na fronteira chinesa, em que foi preciso cortar tudo o que significava trabalho de «composição». Isto por que o documentário *tinha* de ser um reflexo fiel dos factos, e mais nada. O sentido crítico do público cinematográfico, técnicamente preparado pela imprensa profissional, é agudissimo. Eu vi reflectidas no cinema soviético tôdas as modalidades da organização comunista, sobretudo a altura técnica e o senso da eficácia política.

Dentro da U. R. S. S. o cinema representa um triunfo que recorda aquela certa previsão de Lenine: «o cinema será a nova arte soviética». Esta previsão realizou-se em absoluto. E parece-me que se o cinema soviético, agora que o cinema fascista ameaça claramente o mercado europeu, saísse as fronteiras e travasse o combate, o seu triunfo seria certo!

r a m ó n i . s e n d e r



Uma cena do «Expresso Azul»  
filme russo de Trauberg.

# As estrêlas preferem os feios

Não há muito realizou-se em Hollywood um inquérito destinado a saber quais as tendências preferidas pelas artistas cinematográficas na escôlha dos maridos.

A conclusão a que se chegou, observadas agora as afirmações feitas, leva-me a acreditar num arremêdo de bom senso, ao qual não deve andar estranho o seu quê de publicitário.

Pondo já de parte a veracidade da confissão feminina nesta espécie de *test* (aliás natural e justa), o que na generalidade prevaleceu foi o desprêso pela beleza física e a admiração pela beleza moral.

Até aqui, muito bem. Nada de mais estável no transitório da vida do que a beleza de alma e de carácter.

Mas também nada de menos exigível nesta época de aparências e utilitarismos. E chegamos, assim, à conclusão dum paradoxo, vendo a maioria das estrêlas de cinema afirmar que para maridos desejam homens capazes de afrontar as responsabilidades do dia de amanhã, com capacidade de trabalho útil e proveitoso, homens que sejam sustento e amparo para a sua fragilidade receosa. Para a sua fragilidade receosa, repito. Ora aqui é que eu discordo. De resto podem preferir os feios, pois já na opinião sagaz de Anita Loos «the men prefer the blonds».....

E porque discordo eu? Discordo, porque são essas ideias e êsse conceito precisamente a causa do rebaixamento da mulher, desfavorecendo-a em tudo e por tudo.

Porque a verdade é esta, ou melhor, deve ser esta: a mulher não necessita nem do amparo, nem do sustento do marido, mas sim da sua colaboração num pé de igualdade em direitos e em deveres.

Mas tem, no geral, a mulher sido guiada nêstes preceitos, tem a sua educação sido feita em moldes que lhe permitam, não digo já desenvolver a sua actividade nêsse sentido, mas pensar apenas assim?

Seria demasiado optimismo e demasiada utopia afirmar tal coisa, infelizmente.

E a propósito, estou mesmo em crêr, quanta proibição maternal se deve ter dado quando se exhibiu as «Oito raparigas num bote».

\* \* \*

Quais foram, afinal, as ideias apresentadas e os argumentos esgrimidos nêsse re-tumbante inquérito da Cinelandia?

Escolho ao acaso três artistas: Mae West, Toby Wing e Doroteia Wieck. As duas primeiras solteiras, a última casada como sabem com o barão Von Docken.

Mae West afirmou (decerto com aquela costumada loquacidade feminina) que não tendo ainda tempo para pensar em casar-se, nem por isso tinha deixado de reflectir sôbre as qualidades por ela desejadas àquele que venha a escolher para marido. E disse, medindo as palavras com ponderação: «—Prefiro os homens feios aos homens bonitos (a nossa «madrinha» Beatriz também assim pensa há muito tempo). Depois aclarando mais o seu pensamento: «—Os feios atraem-me mais; além disso julgo que uma mulher casando com um homem feio, vai muito mais segura. Os rapazes bonitos são quási todos presumidos e sempre inconstantes».

Com estas declarações e os conselhos às raparigas que Mae West escreveu e a revista «Vu» publicou, poderemos filiá-la como sendo a Baronne Staffe do século vinte.

Toby Wing — a corista mais bonita de Hollywood — também não pensa em casar-se por agora, mas quando casar fá-lo-á com um homem feio, porém varonil. Pensa Toby Wing que seria imensamente feliz se encontrasse um esposo de génio alegre como o dela, amigo de se divertir como ela.

Doroteia Wieck, casada ha um ano, sente-se tam feliz como no primeiro dia e é de opinião — segundo declarou — de que o marido ideal será aquêlo cujo tipo masculino se assemelhe a Herbert Marshall.

Enfim, e em conclusão, diz-se que as artistas da Cinelandia preferem os feios.

Apontemos apenas as suas razões, registando-as com um O. K., no entanto, nada convicto. E isto, porque o facto em si só nos vem elucidar quanto à inexistência (ou incompreensão?) na livre América dum estado afectivo que faz dizer em tôda a parte e faz sentir a tôda a gente esta suprema verdade: quem feio ama bonito lhe parece.

alexandre de médicos

# GADO BRAVO

---



O filme do «Bloco H. da Costa» está quâsi pronto. Os técnicos e intérpretes partiram já para Paris, onde os interiores do filme serão filmados, nos studios de Billancourt.

Mais dez dias de trabalho, aproximadamente. Após, far-se-há a montagem do filme. E nos primeiros dias de Janeiro, «GADO BRAVO» será apresentado ao público.

Por enquanto, de «GADO BRAVO» conhecem-se apenas o argumento, os nomes de quem dirige e de quem interpreta, e muitas fotografias na realidade cheias de beleza e expressividade.

Damos hoje aos nossos leitores uma, em que se vêem: Lopes Ribeiro, realizador; Raúl de Carvalho, galã; e Max Nosseck, super-visor, durante as filmagens da tourada, e outra, mostrando a passerelle construida para as filmagens da cêna da taberna.

---

# Crónica da quinzena

## DE LISBOA

«A Canção de Lisboa» continua a ser o assunto de todos os dias e a esgotar as lotações do *São Luiz*; o Bloco H. da Costa prossegue na realização de «Gado Bravo» e promete a continuidade da sua produção, anunciando já «Os Mistérios de Lisboa»; Leitão de Barros, finalmente, ocupa-se com «A Balada de Coimbra», que iniciará em breve...

E nós — os que vamos ao cinema e do cinema fazemos a nossa Arte e o nosso Espectáculo preferidos — não devemos furtar-nos a um íntimo e profundo contentamento, resultado desta actividade inédita na história da nossa produção cinematográfica, que veio quebrar a sua monotonia e que, esperemo-lo, quebrará a sua mediocridade.

Será tólo — está dito e redito — exigir que neste início se alcancem píncaros de Perfeição e de Arte.

A águia, quando abandona, pela primeira vez, o ninho que foi o seu bêrço, não voo logo em direcção às grandes alturas nem olha de chapa — com serenidade e indiferença — o Sol que lhe dá o calor e lhe ilumina os horizontes. Segue, de longe, o vôo largo das suas companheiras mais velhas e mais experientes, com elas aprende e com elas, aos poucos, vai tentando. E sabe bem, a águia pequenina, que um dia será como as outras, que como as outras poderá descansar do seu vôo na mais elevada fraga da montanha e, de lá, fitar — serena e indiferente — o Sol que a aquece e a ilumina.

Que seja assim o Cinema Português!

Esforado, abrindo-se às novas idéas e à nova técnica, confiante no futuro, audacioso sem ser inconsciente, livre, voando todos os espaços ao seu alcance sem, contudo (porque possui a natural debilidade de quem começa) procurar sair dos limites que a boa lógica e a boa razão lhe fixarem — ele terá — pelo seu bom senso, pela sua confiança e pela sua audácia — conquistado a sua FÓRÇA.

Sei que há quem assim não pense.

Para êsses, Cotinelli Telmo tinha a obrigação de começar logo enfileirando ao lado de René Clair; Lopes Ribeiro, de meter num chinelo Erich Pommer; e nem Leitão de Barros os satisfaz porque a «Romanza Sentimental» agradou-lhes mais do que «Nazaré, Praia de Pescadores» e porque «A Linha Geral» — obra prima do cinema de todo o mundo é superior a «Maria do Mar» — obra prima do cinema em Portugal.

Êsses, porém, não contam. Não são «dos que somam» nem «dos que sonham»; são *dos que deliram*. E como tal só aos médicos poderão interessar.

A nós o que interessa é que já temos uma indústria cinematográfica portuguesa.

Compreendamos todos que, por enquanto, ela só poderá ser *indústria* e deixemos que, *por enquanto* seja apenas *indústria* — mas honesta e de bom gosto.

O tempo há-de chegar em que poderemos pedir, em que poderemos exigir que Portugal tenha a sua ARTE CINEMATOGRAFICA.

## DO PORTO

A semana passada, feito o balanço do que tinha para fazer e do tempo de que dispunha, cheguei à desastrosa conclusão de que não poderia ver mais do que um, dos filmes que os nossos três cinemas de estreia apresentavam.

Escolhi «Revolta das Feras» filme de que Georges Altman, no «Monde» dissera maravilhas e a que Juan Piqueras, director dessa revista perfeita que se chama «Nuestro Cinema» se referia em termos invulgarmente elogiosos.

O filme encantou-me até certa altura e começou, depois, a desiludir-me progressivamente.

Porque razão não serão os americanos capazes de manter as suas obras numa linha de equilíbrio que as torne harmoniosas e completas? Não sei, nem é a inconsistência da América, essa pátria da liberdade convencional, que me interessa para esta pequena crónica. O que me interessa é o modo como as pessoas que enchem as nossas casas de espectáculos se comportam umas para com as outras, e como as autoridades encarregadas do policiamento das mesmas salas entendem os devêres do seu cargo.

Na fila imediatamente após a minha encontravam-se: um graduado da policia — não sei o pósto porque não conheço os galões — e quatro pachorrentos senhores de aspecto absolutamente pacífico e normal. Nem ostentavam grandes bigodeiras, nem tinham o ar perigoso de santos, iluminados, conspiradores ou doidos.

Todo o tempo em que se projectou «Revolta das Feras» os cavalheiros em questão declararam entre si, num tom de voz suficientemente elevado para se tornar incomodativo, que o filme era aborrecidíssimo, desagradável, horrível.

Evidentemente, tóda a gente conquista, ao nascer, o mais absoluto e completo direito a ser cretino. Em nenhum país do mundo existe, que eu saiba, uma lei que permita encarcerar as pessoas por crime de estupidez, o que demonstra da parte dos legisladores um deplorável desconhecimento da espécie para que legislavam, ou, o que se lhes não pode levar a mal, o mais simples e elementar instinto da prudência.

Mas, francamente: o facto de se não entender o diálogo de um filme não explica nem desculpa que sejam impedidos os nossos vizinhos de o ouvir.

E a verdade é que ninguém se lembra de conversar em voz alta em plena missa, mau grado a incompreensão das palavras latinas do padre.

Pergunta-se agora: não seria possível conseguir das autoridades encarregadas de impedir que dentro da sala se acenda um cigarro ou se agrida a integridade física do vizinho, que impeçam também estas faltas da mais elementar compostura? Parece que não, porque o ilustre representante da autoridade a que me referi e que, decerto, também não compreendia o diálogo do filme, depois de se voltar conspicuamente e reconhecer não se tratar de bombistas, socialistas, anarquistas, etc., mas sim burgueses, absolutamente triviais, cruzou a capa, acavallou-se na espada, e entregou-se regaladamente ao sono...

**alexandre serpa**

**armando vieira pinto**



Se eu inda fosse pequeno  
..... Ai, se o fôsse! —  
E tivesse o falar dôce,  
Serenos  
Ameno  
E meigo  
Das crianças.....

Se eu fôsse isento  
De esperanças  
E leigo  
De sofrimento.....

Se eu fosse alheio  
Aos escolhos  
Da vida incerta  
E tivesse aquele enleio  
Que me deslumbra e que brilha  
Nos olhos  
Da minha filha  
Quando desperta  
E sorri.....

# Rapsódia quási húngara

---

Se eu já não fôsse tamanho  
Nem estranho  
Ao mundo em que vivi  
E ao pêso do qual sucumbo.....

Se eu não soubesse o que sei,  
Temesse papões e mêdos  
E pudesse ser o rei  
Dos meus soldados de chumbo  
No reino dos meus brinquedos...

— Oh! ser simples e normal,  
Ser como a vida afinal  
De qualquer flor,  
E nada ter enfim  
Que me preocupe,  
Liberto de pecados.....

.....Ai tu perdoa, Amor!  
Mas sendo assim,  
Escolhia a Betty Boop  
Dos desenhos animados.....

**l u í s  
guedes**



ROSINE DERÉAN,  
A JACQUELINE DO FILME

# O Espião de Veneza

---

O Lido, como vocês sabem, é uma praia italiana que não se parece absolutamente nada com a Foz, com Leça, ou com Espinho. É uma praia moderna, cheia de alegria, de elegância, de vida, de lindos maillots e lindíssimas mulheres. Ora muito bem. No Lido está passando uma temporada um certo senhor Gran. E este certo senhor Gran, que ninguém sabe quem é, o que faz, donde veio, nem para onde vai, passa o tempo num agradável flirt com certa Jacqueline. E vocês me dirão brevemente se tenho ou não razão em dizer que flirtar com esta Jacqueline é uma coisa agradável.

Entretanto, uma espia célebre, M.<sup>me</sup> Mervin, ao serviço de certo país, consegue apoderar-se dos planos de um novo engenho de guerra e entregá-los a Tchernikoff, que está encarregado de as fazer chegar ao seu destino e se disfarça em vendedor de quadros.

Isto é uma complicação, mas vocês façam por perceber.

No Lido está também um espião chamado Gordon, que deve receber os planos de Tchernikoff, para depois os levar aos seus chefes.

E aqui começa a baralhada.

Gran, que também anda atrás dos planos, concebe e põe em execução o seguinte plano: embarca Gordon no iate de Jacqueline e, convencendo esta que se trata de uma simples brincadeira, consegue que o iate parta para um cruzeiro que dura dois dias.

Parte em seguida para Roma, fazendo-se passar por Gordon.

Consegue apoderar-se dos planos, mas é descoberto. E não vos digo mais nada para não vos tirar o apetite. Claro: vocês querem saber quem são os intérpretes. Ora aí vai: Jean Murat (Gran); Rosine Deréan (Jacqueline); Olga Tschekowa (M.<sup>me</sup> Mervin); Gordon (Jean Galland); Tchernikoff (Roger Karl); etc. Pergunta-se agora: é um bom filme? Tende paciência, mas não vos digo. O filme vai no São-João. E se eu digo bem desatam para aí todos os folhetos a dizer que estou vendido..... Safa!!!

---



# Vala Comum

O redactor cinematográfico dum novo semanário que apareceu há dias, lembrou-se de atirar ao «Movimento» e com a habitual má educação, as coisas mais feias e mais parvas que lhe vieram à cabeça. Porém, a certa altura escreve: «*Conheço trabalhando nessa revista — Movimento — dois indivíduos cujos conhecimentos dentro da especialidade seria ridículo negar: — Alves Costa e Fernando Barros são pessoas que entendem de cinema e são incapazes de venderem a sua opinião quasi sempre acertada.*». Até aqui está muito bem. Mas logo quatro linhas adiante, e para nos chamar nojentos, refere-se a duas criticas feitas por mim, continuando: «*Numa critica feita a «Venus Loira» ao lado da critica feita a «Uma rapariga ao volante», o «parti-pris» é evidente. Tratam de magnifico (sic) o filme que abriu a época no S. João e chegam a ser atrevidos dizendo mal de «Venus Loira»...*».

Ora os termos com que eu, com o tal evidente «parti-pris», tratei de magnifico o filme que abriu a época no «S. João», foram estes: «É na verdade difficil será encontrar uma história, uns diálogos e umas canções mais sensaboronas que os de «Uma rapariga ao volante». Juntando a isso a realização mediocre de Kurt Gerron, que levou o filme aos encontrões, adicionando ainda a péssima actuação de Lisette Lanvin e a insipidez de Henry Garat, não fica nada que se aproveite a não ser a fotografia muito cuidada, de Rudy Maté, que estragou cêra com fraco defunto. Todo o resto é idiotice, ilustrada com os lugares-comuns do mau-gosto burguês». («Movimento» n.º 8 de 15 de Outubro de 1933, pág. 18, 1.ª coluna, 53.ª a 66.ª linha).

Das duas uma: ou o autor da ridicula patetice é um inconsciente e portanto torna-se irresponsável por tudo quanto arbitrariamente afirma, ou... não sabe ler. E neste caso, eu só desejo, para bem do pobre rapaz, que se intensifique em Portugal a luta contra o analfabetismo.

ALVES COSTA.

\*

Do Correio da «Invicta-Cine» transcrevemos: «*Sim, enquanto andam atirando piadinhas aos outros, escrevem destas na sua «Vala Comum»: «a maioria dos directores americanos recusam-se a passar actualidades em que apareça o snr. Hitler». Em pessoas tam vastamente cultas e talentosas...*»

Em primeiro lugar nós não atiramos piadas a ninguém, limitando-nos apenas a chamar a atenção dos que dizem e escrevem tolices para a falta de vocação que possuem para esta coisa de letras. Pôsto isto, pedimos desculpa aos nossos leitores da pequenina lição de português que em legitima defesa nos vemos obrigados a dar ao distribuidor do correio da citada revista.

Comecemos pelo principio: na 7.ª edição da sua «Nova Gramática Portuguesa» editada em 1907 por França Amado, Coimbra, o prof. A. A. Cortesão, bacharel formado em medicina, professor do Ensino Normal, membro do Instituto de Coimbra e da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, diz, a pags. 115, na regra 4.ª do § 113:

*Quando o sujeito é um «colectivo parcial» do singular, determinado por um substantivo ou pronome (no plural) regido da proposição «de», o verbo concorda geralmente com este, e algumas vezes com o colectivo. Ex.:... metade dos livros estão estragados.*

Mas há mais: na sua «Gramática Portu-

guêsa», editada em 1891 por Teixeira & Irmão de S. Paulo, Julio Ribeiro diz a pags. 305 § 547:

*Quando o sujeito é um colectivo partitivo seguido da preposição «de», e de um substantivo no plural claro ou occulto, o adjectivo e o verbo devem empregar-se no plural. Ex.: a maior parte dos homens são analfabetos.*

Continuando: na sua Gramática Sintética da Língua Portuguesa, 2.ª edição publicada pela Livraria Clássica Editora de Lisboa em 1916, Cândido de Figueiredo a pgs. 150 § 3, diz:

*«Os sujeitos colectivos, isto é, aqueles que no singular designam multidão, se aparecem com o seu adjunto como: a maioria dos soldados, um grupo de facinoras, etc., podem levar o verbo ao plural. Ex.: a maior parte dos soldados estavam famintos».*

O mesmo autor diz no 1.º volume das suas «Lições Práticas da Língua Portuguesa», 5.ª edição, publicada pela mesma livraria editora, em 1911, a pgs. 85, e citando o mesmo exemplo: *«Aqui tem um sujeito no singular com o verbo no plural, perfeitamente autorizado pelos mestres e pelo génio da lingua.*

De resto, e para terminar, escreve assim o cronista João de Barros nas suas «Décadas»: *«tanto que hum golpe d'elles se fizerão Senhores della.* Frei Luis de Sousa também se exprime assim na «História de S. Domingos»: *estavão pegados com elles huma infinidade de homens.*

E chega. Senhor distribuidor do correio na «Invicta-Cine»: Se fôsse nosso camarada, punhamo-lo na rua e davamos-lhe à despedida o conselho amigo de tirar pelo menos o 2.º grau antes de pretender emendar aqueles que só por misericórdia lhe perdoam às vezes.

*«Um qualquer à sua escolha».*

\*

Foi esta redacção alegrada pela figurinha gentil de Nita Brandão que veio apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida. A graciosa «ingénua» de «GADO BRAVO» deve ter seguido já para Paris onde vão ser filmados os interiores para aquêle filme, o primeiro do Bloco H. da Costa.

Com a nossa saúde amiga, vão os nossos desejos sinceros de uma ótima viagem.

\*

Também visitaram esta redacção, honrando-nos profundamente, o architecto Cottinelli Telmo e o Dr. José Galhardo, respectivamente realizador e autor dos diálogos de CANÇÃO DE LISBOA.

\*

Acaba «Movimento» de ser avistado pela Empresa do Cine-Ovar, no sentido de mandar um dos seus redactores fazer uma pequena palestra sobre cinema numa festa que aquela Empresa organisa durante o próximo mês de Dezembro. Aceitando, agradece «Movimento» a honra que lhe é feita.

\*

Agradecemos à Empresa do Teatro Circo de Braga, a concessão de um bonus de 50 o/o aos nossos leitores nas matinées dos domingos; ao Cinema Kursaal, de Algés a concessão de 50 o/o nos espectáculos das quartas-feiras; e ao Cine-Praia, da Cruz Quebrada, a mesma concessão para 20 o/o em todos os espectáculos.



# A festa de — «Movimento»

Estamos a poucos dias da nossa festa. Já poucos bilhetes nos restam para essa matinée sem pretensões que vai realizar-se. No número passado prometemos indicar o programa definitivo.

Aí vai. Serão passados dois filmes: «O Inferno», desenhos animados, e «Dois corações a compasso» uma deliciosa comédia com Lilian Harvey e Lucien Barroux. Far-se-á também o sorteio do concurso que «Movimento» organizou no verão de acôrdo com o São-João. O resto, tenham paciência, mas é surpresa.

Como se disse, entregam-se gratuitamente os bilhetes para a nossa festa aos nossos assinantes, aos nossos leitores e aos concorrentes do concurso a que acima nos referimos.

De resto, e para facilitar àqueles que não sejam nossos assinantes a ida à nossa festa, no São-João a partir das 2 horas da tarde de 5 de Dezembro, um dos nossos redactores tomará as assinaturas de todos aquêles que assim o desejem. Bastará portanto assinar «Movimento» por 3 meses para adquirir, juntamente com o recibo da assinatura um bilhete para a Festa.

Não serão muito bons. Mas os retardatários terão de conformar-se.

Torna-se agora necessário dizer a todos aquêles que pretendam ir à nossa matinée algumas palavras sinceras. «Movimento», apesar-das suas boas intenções e do seu carácter ordeiro e justo, tem sido largamente caluniado e combatido por todos aquêles que, com muito mais facilidades do que nós, nada fizeram que se comparasse com a nossa obra. Quando aparecemos auguraram-nos imediatamente a morte. Lamentamos ser-lhes desagradáveis, mas a verdade é que nos sentimos com a mesma vontade e a mesma fôrça do primeiro dia.

A verdade é que, mau grado as campanhas contra nós, mau grado as calúnias, metade produzidas por inveja, outra metade por estupidez, a nossa revista tem vivido e continuará a viver, sem medo nenhum e sem os favores de ninguém...

E o público vai sabendo distinguir o trigo do joio.

Procuramos ao mandar os bilhetes da nossa festa aos nossos inimigos, não esquecer nenhum. Queremos tê-los ali à mão.

É uma vingança-zinha súbtíl, não lhes parece? Bom. Até terça-feira próxima, às 15 horas, no São-João.

# Editorial — «Movimento»

Vai sair o primeiro caderno de ilusão cinematográfica. Chama-se CHARLOT, A VIDA E A VERDADE CINEMATOGRAFICA e é escrito por Armando Vieira Pinto, o nosso director. Deve ser posto à venda lá para o dia da nossa festa, ou coisa que o valha.

Após a saída, nestas páginas o criticará o nosso camarada Vasco Rodrigues que foi pomposamente nomeado crítico literário de «Movimento». E vocês vão comprá-lo, não é verdade?

Tem 32 páginas de texto, uma curiosa capa a côres, e vai assinado pela mão do autor. Esta coisa da assinatura foi lembrança do Alves Costa. Diz êle que daqui a 100 anos, quando nós todos nos tivermos celebrizado e morrido, como a tiragem dos cadernos é pequena, os exemplares passarão a ter o valor da raridade. E que, sendo assinados evitaremos as falsificações. O Alves Costa é assim, mas não é mau rapaz....

Claro que êste caderno já sai com atraso. Mas vocês tenham paciência. O «Movimento» consegue sair na data certa. E isto é prodigioso se vocês pensarem que nenhum de nós ganha nada com o trabalho que tem e que, portanto, todos nós trabalhamos por amor da arte....

O segundo caderno conterà, a conferência do nosso camarada Fernando Barros, com o título: «A nova teoria da Juventude» e a conferência do Alves Costa, sôbre «Cinema Nacional» ou a do Alexandre de Médicis sôbre «Cinema, Público e Programas». Dos outros se falará depois.

Como vocês já sabem, os cadernos vendem-se avulso ao preço de 3\$00 cada um, e, por assinatura, ao preço de 2\$50.

Compre-nos por um ou por outro processo. Isso não nos interessa.

Interessa-nos, sim, que vocês os comprem, os leiam com atenção, compreendam a nossa boa vontade, e continuem a ser para nós os bons, leais e sinceros amigos que nós desejamos e merecemos.



## A BELÊSA E A GRAÇA

---

Nita Brandão esteve uns dias no Pôrto antes de seguir para Paris. Conversou longamente comôscio. E a todos os momentos da conversa, sem saber porquê, nós estávamos à espera de a ver saltar, correr, rir, como um colegial em férias.

A sua alegria é contagiosa, talvez por ser simples, natural, instintiva. E faz sempre bem encontrar uma pessoa assim, para nos compensar de todas as pessoas com quem forçadamente convivemos e que são ao contrário trágicas, complicadas, tristes...

Nita Brandão é uma rapariguinha frágil, esguia como um álamo adolescente, graciosa como uma canção rural, alegre como um passarinho novo. Há no seu riso um som cristalino de campânula... E se vocês tivessem visto o seu tam claro e juvenil sorriso, os seus olhos que para olhar a gente se fecham um bocadinho, adormecem levemente, vocês não poderiam deixar de pensar, como eu, que para desempenhar imensamente bem o seu papel, a «ingénua» de GADO BRAVO não terá mais do que ser, sinceramente, tal e qual como é.

O seu papel, no filme, é o de uma gentil rapariguinha do Ribatejo, simples, sem artifícios nem manhas, clara como a água e boa como o pão.

Para guardar o noivo que uma beleza especiosa de cabotina pretende disputar-lhe, ela não possui mais que a sua ternura, a sua graça, a sua sinceridade, a verdade do seu amor e da sua amizade.

Reparem na fotografia que ilustra esta página.

Há, no ar de oferecimento da atitude, algum artifício, algum intuito oculto, alguma preversidade,

---

---

mesmo pequenina, mesmo disfarçada? Não, não há. Sua boca oferece-se, porque o coração se deu, sem malícia nem cálculo, naturalmente, simplesmente, adoravelmente...

Ao contrário, na página ao lado, Olly Gebauer, a «vamp» de GADO BRAVO mostra, exteriorizando a mesma atitude, intuits e argumentos diferentes. Aqui já não há a graça que prende lenta e docemente, mas a beleza triunfante que subverte e enlouquece num momento.

Reparem na fotografia.

Não há, no entreabrir da boca húmida, no frémito que nos mostram as narinas, no semi-cessar languesciente dos olhos, um ar de capcioso delíquio, uma promessa tácita de volúpia, quasi viciosa, quasi premeditada?

Há, evidentemente.

E direis vós agora: Que importa isso? Amor violento, paixão, voluptuosidade? Mas amor que torce os nervos e prende os sentidos, amor que domina, embriaga e exalta.

E eu dir-vos-ei: Sem dúvida: mas amor violento que dura forte, mas dura pouco... E que, como certos sonhos ao acordar nos deixam na alma um vago mal-estar, uma vaga sensação de impotência, desilusão, tristeza, ao morrer nos deixa no coração uma triste sensação de inútil fadiga.

**a r m a n d o v i e i r a p i n t o**

---

# A «CANÇÃO DE LISBOA»

Ó meus amigos! isto hoje vai ser um grande sarilho. Estive no Conservatório a ouvir as meninas cinéfilas para fazer este artigo, mas não ouvi só as meninas, pois saíram para o corredor o miar duns violinos, o roncar duns violões, o chocalhar duns pianos e o assobiar dumas flautas que me arranjaram uma desafinação musical de tal ordem, que me impossibilita de escrever.

A primeira a ser catrafilada foi a Maria Adelaide Sobral. É tam encantadora que bastou escrever agora o nome dela para me passarem as dores de cabeça; e fiquem sabendo que as minhas dores de cabeça custam a passar.

Durante a conversa fixei estes três períodos: «De quem gostei mais foi do António Silva. Dou-lhe 18 valores. Do Vasco gosto muitíssimo... no teatro. A Beatriz parece que traz uma cabeleira postiça. O Eduardo Fernandes começou bem. O Manuel de Oliveira tem um papel insignificante. As discípulas foram muito pouco aproveitadas e a Ana Maria é mais bonita ao natural do que na tela».

«A abertura é linda. O hino da academia propositadamente desafinado tem muito pitoresco. O fado vá lá que não é dos mais vomitados mas... a música é quasi tóda difícil de fixar». A «Canção de Lisboa» tem coisas que me fazem lembrar uma revista. Talvez devido à abundância de gente de teatro. Esperava melhor, pois foi tal o réclamo...»

Enquanto a poetisa Virgínia Victorino não entrava para a aula de italiano que leciona, estive ao paleio com a Monteiro Recio.

Não desgostou do filme. Achou muita graça ao Vasco e ao António Silva. No desempenho da Tereza Gomes e da Sofia Santos notou um bocadinho de propensão para o exagero. Atribuiu o facto aos vícios de teatro e desatou a correr para a aula.

No tópo das escadas encontrei a Maria Felix Diniz. Disse-me logo que não tinha gostado do final. Acha-o rápido e inesperado.

Como Vocês devem saber o filme já teve dois finais. O actual é muito melhor e obteve-se pelo simples corte duns metros de película. É a este que a Felix Diniz se refere pois não viu o primeiro.

Gostou muito do António Silva, logo a seguir o Vasco e depois a Beatriz. Achou a Ana Maria pouco natural.

A música que mais lhe agradou foi a própria «Canção de Lisboa».

Esperava o filme melhor devido à publicidade espalhafatosa que fizeram.

A despedida afirmou-me convicta e categóricamente que o elefante e a girafa iam muito bem. Depois apareceu-me uma dama aparentemente cinéfila. Não lhe revelo o nome mas reproduzo o diálogo textualmente: Não gostou do «travelling» de abertura da Canção de Lisboa? — Não desgostei. Quanto à interpretação? — Não desgostei.

O que é que lhe agradou mais no filme? — Não desgostei de nada.

Nem ao menos o seu pai se *desgosta* de ter uma filha assim? — Não sei; o meu pai está em África.

Digam lá, leitores, se ainda querem que eu lhes revele o nome desta criatura?

Estava eu sósinho a filosofar sobre a influência da imbecilidade na desafinação musical, quando vi no corredor a Maria Henriqueta de Vasconcelos a pavonear-se.

Dei uns pulinhos de contentamento semelhantes aos do Vasco em Sintra e fui logo ter com ela. O caso não era para menos pois desde ha muito que lhe conheço um elevado senso crítico.

Foram escusadas perguntas da minha parte pois a rapariga parecia que tinha corda: «Falemos do princípio do filme. As legendas de abertura decoradas com os desenhos do Botelho (?) são lindas e o «travelling» de entrada é maravilhoso e tem um fundo musical encantador. E do melhor que tenho visto».

«Deixa-nos na expectativa de ver coisas magnificas, que raras vezes aparecem. Note-se que estou a falar em coisas magnificas, pois as boas e até mesmo as bastante boas são vulgares.

Destaco a composição cinematográfica da valsa «Castelos no ar». O sonho foi lindamente interpretado pelo realizador. Tem poesia, imaginação, beleza e cinema. São realmente assim os sonhos».

«Quando aqui ha meses soube que o filme se chamava «Canção de Lisboa», comecei a sonhar coisas maravilhosas que se podiam obter com o fundo, tam rico em movimento e som, da terra dos alfaias. Afinal foi bastante mal aproveitado, o que é deveras para lamentar».

«O pitoresco dos gatos, das roupas estendidas, das trepadeiras, dos «bons dias» que engrinaldam as janelas, das canastras das varinas, dos garotos, das trapeiras e a sinfonia dos pardais e pregões foram insuficientissimamente aproveitados».

«Os diálogos não os acho cinematográficos mas sim de revista ou comédia. Concordo que deram por vezes graça ao filme, mas não é o suficiente. Considero até um defeito serem estes que dão graça á imagem. Não deve ser assim a regra mas sim a excepção. As excepções podem ser mais ou menos abundantes mas nunca predominarem como no caso actual.

«Ha cenas longas de mais. Exemplos: algumas da alfaiataria, a do Vasco e da Beatriz na cosinha, etc. Isto ocasiona que por vezes, muito poucas embora, falte ritmo cinematográfico á película».

«Ainda não vi citado o «gag» do *mastoideu*. Considero-o um achado».

«Quanto á interpretação achei muita gente de teatro lá metida. Pelos menos dez actores; não contando com as discípulas, que algumas são de teatro. Espero que a Tobis mude de processo embora a pouco e pouco. Mas pelo caminho que leva não me parece, pois os papeis desempenhados por gente estranha ao teatro são muito insignificantes. O mais importante é o do Quincas».

«A careca do Vasco e a franja da Beatriz fartaram-se de reluzir. Eu esperava melhor e a culpa é só da Tobis e dos amigos que fizeram um reclamo estúpido e exagerado e até antipático, devido aos ataques e *piadunchas* impróprias e pouco correctas, a outra firma portuguesa produtora e distribuidora de filmes».

«O filme tem defeitos na verdade; mas o grande, o maior de todos é o de: *ser português*. Nós somos assim, irremediavelmente más línguas».

Em que pensas, Sally Eillers? Em que pensam teus olhos semi-adormecidos, tua bôca serena, tuas mãos afiladas e brancas, como azas de gaivotas? Ele não compreende a doçura do teu olhar, a graça do teu sorriso, o mel do teu carinho? Ele prefere o amor que o queima e fatiga, êsse amor que deixa na bôca um gôsto a fruta verde? Deixa-o! Ele é homem, não passa disso. Mas um dia sofrerá. Sentir-se-à desamparado e só, fraco perante a vida e perante a dôr, como frágil criança perante a morte. E voltará para ti, arrependido e submisso, Sally Eillers.....



**Oito raparigas num barco**—Um filme acima do nível normal da produção.

Nada de conflitos psicológicos demasiadamente rebuscados, nem também qualquer desses argumentos tão idiotas como frequentes.

Apenas um caso de todos os dias, absolutamente humano, que nos é contado em imagens simples e belas, por onde perpassam, simultaneamente, a frescura sã da vida ao ar livre e o estremecimento doloroso duma alma que sofre.

Uma rapariga, desprezando a moral rígida dos códigos, amou; está para ter um filho.

Repudiada pelo pai e desamparada por aquê que a fecundara—um bem intencionado, mas covarde—confessa o seu estado às suas companheiras de club.

E as raparigas acolhem-na, acarinham-na e resolvem tratar dela e do filho, num impulso entusiástico de ternura pela companheira e de revolta contra aqueles que a abandonam.

Até aqui, tudo está certo.

Não é mais do que a reprodução daquilo a que todos nós temos assistido: uma rapariga que *pecou*—um pecado, o Amor?—e que esta deliciosa moral a que estamos sujeitos empurra para determinada situação, da qual burguezes tirarão suas horas de prazer.

Um pedaço verdadeiro da vida, em alguns metros belos de celuloide.

Chegado a este ponto, porém, o realizador Erich Waschnech, em vez de atacar de frente o problema, procurando ou não resolvê-lo—isso não importaria—mas sublinhando-o, marcando-o bem, fazendo-nos sentir e compreender as verdadeiras causas do drama daquela pobre rapariga, preferiu encarrear comodamente por um ridículo *happy-end* provocado por uma cena lamecha.

Não lhe faltou, na realização do filme, habilidade e talento, mas sim espírito livre de peias, revolucionário, em tudo que neste termo há de mais grandiosamente construtor.

**Oito raparigas num barco**, que podia sêr qualquer coisa de notável, vê-se reduzido, em virtude dos seus últimos cem metros, a comover coraçõesinhos sensíveis de burguezinhas românticas e respectivos papás, que saiem do cinema com um beatífico sorriso de satisfação nos lábios, porque o pai perdoou, o noivo sorriu por fim e a rapariga voltou ao lar.

Enternecedor quadro, digno de ser aproveitado para fim de peça, pela maioria dos nossos actualmente mais notáveis dramaturgos.

Têcnicamente, **Oito raparigas num barco** tem coisas verdadeiramente notáveis.

Admiravelmente criado o ambiente desportivo das raparigas fazendo uma vida sã, remando, nadando e descansando no parque à beira do rio, em doloroso contraste com o in-

# CRÍTICA DE FILMES

tenso sofrimento da rapariga que cometera o *crime* de amar.

Não quero deixar de me referir ao sonho da rapariga, pedaço verdadeiramente notável, tanto pela observação que revela—reparem na confusão dos personagens que na realidade se não conhecem e que no sonho aparecem a conversar junto de objectos que não pertencem ao aposento em que se encontram, mas a outro—como pelo comentário musical, como pela fotografia.

Alguns metros de cinema que um Pabst não desdenharia assinar.

Uma cena que não tem explicação—a não ser com muito boa vontade—e que prejudica bastante o ritmo do filme, é a do cabaret.

A fotografia é um dos méritos do filme, apresentando-nos lindíssimos planos.

Interpretação admirável.

**Grande Hotel**—ANTES DE MAIS NADA. Este filme foi apresentado com *dubbing* em francês. Pergunta-se: quando é que as casas distribuidoras deixarão de nos apresentar filmes dobrados em lingua estrangeira?

*Grande Hotel*, tirado do célebre romance de Vicki Baum, é um filme com certo interesse.

Por um grande hotel deslizam os mais variados tipos, das mais diversas psicologias e das mais diferentes profissões.

O filme é, essencialmente, um estudo dessas psicologias.

São-nos apresentados sete tipos curiosos.

Uma aventura em que todos se encontram mais ou menos envolvidos, aproxima-os por momentos.

Depois cada um segue o seu rumo e no hotel continuam apenas o porteiro e um médico filósofo, que vai comentando amargamente a vida, olhando já com indiferença a multidão que todos os dias passa pela porta giratória do Grande Hotel.

Edmund Goulding, embora pudesse ter evitado aqui e ali, um diálogo mais longo, realizou acertadamente e apresentou-nos um filme de bom estilo americano.

Das interpretações, destaco as de Lionel Barrymore e Joan Crawford. E destacar estas ao lado de nomes como Greta Garbo, Lewis Stone, Wallace Beery, John Barrymore e Jean Hersholt, é bastante significativo.

No entanto, convém acentuar que toda a interpretação foi prejudicadíssima pelo malfadado *dubbing*.

## DO PORTO

**Alvorada**—A maleabilidade da arte cinematográfica, permitindo exprimir-se com relêvo igual qualquer tendência, acarreta conseqüentemente perigos inevitáveis. Se o cinema pode servir com toda a força de sua fluentíssima e convincente «linguagem» uma ideia sã, elevada e nobre, pode, exactamente da mesma forma, servir uma tendência oposta e má. Poriso «Alvorada» é um mau filme.

Por dois lados temos que analisar «Alvorada»: pela sua construção cinematográfica e pela ideia que exprime. É inegável que a realisação de «Alvorada» é impecável. Há uma certesa absoluta no ajustamento das suas mais pequenas parcelas, uma harmonia contínua no desenrolar das suas imagens que uma montagem perfeita coordenou e que não raras vezes são duma acentuada beleza. Há mesmo alguns fragmentos inéditos e curiosos como os da imersão do submarino. Há movimento puramente cinematográfico na descrição das manobras. E há sobretudo um trabalho fotográfico dum minucioso cuidado. Mas... e isto para mim é muito importante, o filme serve uma ideia perniciososa. Mostra a guerra sob um aspecto falso, enganador. Sem grande retórica, é certo, «Alvorada» ergue o culto pelos «heróis» dessas façanhas fratricidas que se perpetraram (e se continuarão perpetrando, infelizmente, até que um dia os homens acordem...); o filme é todo animado por um espírito bélico, raras vezes disfarçado, mas sempre nocivo, condenável, revoltante! E eu só lamento que em Portugal—país onde tudo «vai por Deus»—não tenha acontecido o que se deu na Holanda onde «Alvorada» sofreu um duro «boycottage» organizado pelas juventudes intelectuais e esquerdistas...

«Alvorada» é para mim, e sê-lo-há para todos os que tiverem a cabeça no seu lugar, um filme reprovável. E aqui, eu sirvo-me, para justificar o desprêso a que voto a perfeita construção do filme, daquela frase de Lupo-Pick, citada por Poulaille em «L'age ingrat du cinéma»: «le fond m'intéresse davantage que la forme».

**A Feira da Vida**—O assunto dêste filme, muito caracteristicamente americano, oferece para nós pequeno interesse, porque só os americanos poderão compreendê-lo e senti-lo em toda a sua extensão. De resto, dum motivo como este poder-se-ia colher um partido muitíssimo mais largo se ao filme fosse tirado êsse ar açucarado que o mantém numa atmosfera morna, desconsolada e piegas, sobretudo até às cenas da feira. Aqui, porém, o filme anima-se um pouco e a história envereda por um caminho curioso. (Justificação de título: a grande feira anual—feira da vida onde caminhos novos se abrem para muitos dos que vieram, onde

brotam novos sentimentos com seu rastro de alegrias, tristêsas e desilusões).

A maneira como está tratado êste terço do filme tem um certo relêvo, a que não falta por vezes verdadeiro sentido cinematográfico (cena na cama com Emily Joyce, a artista de circo, e Wayne Frake, o filho do criador de porcos). Apenas o sentimentalismo piegas, que não se apaga nem se modifica, mantém o ar acaramelado que envolve toda a obra. E para o fim, a história precipita-se no inevitável «happy-end», pouco depois de ter caído numa monotonia que já se vinha acentuando.

**A revolta das feras**—Entre os raros filmes aceitáveis que vimos esta época, «Zoo in Budapest» destaca-se como obra de autêntico valôr e de beleza rara. Há em «A revolta das Feras» duas partes a distinguir. Uma meramente espectacular, que vale apenas pela maneira emocionante como foi conduzida, graças a uma realização cuidada e a uma montagem habilidosa; outra, a mais bela, a mais bem feita, que é a lenta descrição da história, humana e singela, exprimindo sentimentos primários no encantamento do anoitecer num grande jardim zoológico. É nesse anoitecer—como escreveu Altman, que eu não posso deixar de citar—que começa a maravilha «feita de silêncios, de frêmitos, de rumores confusos, de docês imagens cinzentas e esbranquiçadas, de gritos abafados de animais que sonham, de ternos focinhos, de grandes corpos ageis que o sono divinamente distende. Mais longe, sempre mais longe, no jardim de sonho, longe das grades, deitada nos grandes fetos, para além do lago, Eva despe o seu traje de pensionista e veste um fato que se mistura às ervas e à folhagem... A noite divina tomou posse do Zoo. E os sonhos tímidos das feras velam pelo sonho tímido e simples desses dois filhos dos homens, enquanto o silêncio, o silêncio amigo, lhes protege o amor...» Depois, quando tudo é calma e a bruma se levanta sobre o lago, Zani e Eva procuram melhor abrigo. Sobre o azul-cinza com que a noite colora os entes e as coisas, contrasta o branco alvíssimo da plumagem dos cisnes deslizando suavemente na água... Verdadeiro cinema, todo este episódio, cheio de poesia, de simplicidade e de beleza. Segue-se pouco depois a revolta das feras e o filme acaba, em imagens sempre lindas, pelo «happy-end» já esperado. Mas... o único mas que aponto, «que seria de Eva», como nota Juan Piqueras «obligada a permanecer en el colegio y a sufrir los más rudos castigos por sua escapatoria? Quien libertaria a Zani de las garras de la policía que no podria perdonarle el delito de robar unas pieles que destruye? Y en último caso, como ser felices sin el trabajo que les ofrece el padre del niño que ha salvado? Sin este señor no habria película burguesa posible. Ademas, resulta altamente edificante el pequeño sermón que le dedica à la directora del colegio por el mal trato que da a sus huérfanas. De esta forma la burguesia queda satisfecha. Ya no es su próprio regimen el culpable de la desgracia de esas muchachas, sequestradas. La culpable, la que merece una represión amistosa es la directora, que abusa de sus atribuciones y vá más lejos, un poquito más, de lo que debiese...»

# Estação de Serviço

## SALA DE ESPERA

Recentemente foram exibidos no «São-João» dois filmes de desenhos animados que eu não posso deixar passar sem uma pequenina referência. Foram eles, «A Princesa do Circo», com a deliciosa boneca Betty Boop, de Max Fleischer, e «Os 3 porquinhos», de Walt Disney, da série colorida das «Silly Symphonies». A originalidade e o excepcional valor desses dois filmezinhos admiráveis, cada vez mais nos convencem de que, contra o aspecto decadente do cinema de hoje, que se esquece da sua própria riqueza e dos seus próprios méritos, uma única manifestação fonocinematográfica se mantém firme. São os desenhos animados sonoros. Aqui, encontramos de novo toda a fantasia que o cinema silencioso criara. Aqui, todos os convencionais da vida real foram atrevidamente derrubados por esses arabescos graciosos, trepidantes, fantásticos que a tudo dão vida, que arrazam impossíveis, que nos atiram abruptamente, audaciosamente para os grandiosos e infintos domínios do Sonho e da Fantasia! E acima de tudo são obras de cinema, de verdadeiro e puro cinema!...

## EXPEDIENTE

E. DIONYSIUS — Ter voltado a escrever-me, obriga-me a considerá-la mais uma vez extremamente simpática, se bem que Você seja uma das leitoras mais rabugentas que aparecem frequentando esta secção... Todavia, uma coisa não anula a outra. Partilho em absoluto do seu entusiasmo e admiração pelo cinema, arte original, riquíssima e sem confrontos, meio de expressão perfeitamente dentro do nosso século e respondendo totalmente às necessidades da vida social actual. Simplesmente, por agora, salvo raras excepções, anda perdido do seu verdadeiro caminho, esquecido muitas vezes, quasi sempre, da sua verdadeira função. Quem lhe disse que eu não admiro Norma Shearer? Pelo contrário! Do Douglas Fairbanks também não estamos esquecidos, apenas não tem havido oportunidade para falar n'ele. Agradeço o seu interesse pelas prosperidades do «Movimento», prosperidades que poderão ser tanto maiores quanto maior for a propaganda e apoio que Vocês queiram tomar a vosso cargo em favor da nossa revista, que, afinal, de Vocês todos é.

TORENO DE AUVILE — Os primeiros períodos da sua carta iam-me fazendo chorar de saudades por essa linda Coimbra... Como bom amigo da nossa revista, Você só tem cumprido o seu dever fazendo, como diz, uma incessante propaganda do «Movimento». Mas espere lá, Você dá indicações erradas na sua carta. O Moncada é professor de Direito Romano e Português... O Direito Civil está a cargo do Vaz Serra... É assim ou não é? Por enquanto, meu caro amigo, ainda não formo opiniões sobre a Nita Brandão. «A Canção de Lisboa» deve exhibir-se em Coimbra antes do fim do ano. «Gado Bravo» só lá para os começos de 1934. Até breve!

UM CINÉFILO VERDADEIRO — A mudança do seu pseudónimo, meu amável leitor, não interessa ninguém nem eu posso estar a ocupar espaço com isso. Tenha paciência. Não precisamos de correspondente na Foz. De resto, a Foz está dentro do Pôrto... O realizador de *Uma rapariga e um milhão* foi Max Neufeld,

com a colaboração de Fred Ellis na versão que Você viu. Os interpretes desse filme são: Madeleine Ozeray (Magda), Claude Dauphin (Bobby) Christiane Delyne (Kitty), Daniel Lecourtois, Robert Moos, etc. Está satisfeito?

MADEMOISELLE INSENSÍVEL — O seu pseudónimo até me faz frio... Zangar-me por Você me chamar amiguinho? Pelo contrário! E depois, Você é tão amável, tem uma letra tão simpática, que deve ser mesmo uma amiguinha deliciosa. De mais a mais dizendo Você que está em contradição com o seu pseudónimo...

Não vi «Dirigível», porisso não lhe posso dizer nada sobre esta fita. «Código Penal» é realmente um filme interessante e não está nada mal feito, se bem que não seja uma oitava maravilha.

Direi ao judeu do Administrador para mandar a revista à sua amiguinha. Você aí na Marinha Grande é que podia arranjar-nos alguns assinantes, visto que deve conhecer muitos cinéfilos aos quais certamente a nossa revista agradecerá.

E agora até breve, valeu?

PRÍNCIPE NEGRO — Como tenho o expediente bastante atrasado, hoje respondo simultaneamente a dois postais seus, um dos quais já esperava resposta desde o mês passado... «O Rei da Selva» é uma patetice um bocadinho menos ridícula que «Tarzan»... «Gado Bravo» só deve aparecer lá para o fim do ano ou começos de 1934. A revista de cinema mais antiga que se publica em Portugal é a «Invicta-Cine». Teve diversas «pannes», mas actualmente deve contar onze anos de existência. Não senhor, não concordo com o aumento de preços a que se refere. Diga-me uma coisa: essas duas raparigas, suas amigas, que eu supuz serem irmãs, quando voltam a aparecer?

O REI DA CINELÂNDIA — A artista por quem Você pergunta está «free-lancing» se não me engano, razão porque será conveniente escrever-lhe mais tarde. Daqui por algum tempo volte a pedir-me a sua direcção. É absolutamente estéril qualquer discussão sobre a pureza de nacionalidade daqueles que trabalham para o cinema português.

PRÍNCIPE DE PICKFAIR — Respondo a duas cartas suas que aqui tenho. Creia que não me incomoda absolutamente nada e disponha sempre dos meus préstimos. O nosso camarada Alexandre Serpa não tem escrito porque é um mandrião. E como está longe, nós nem sequer podemos bater-lhe... As suas cartas para «Mlle. Insensível» seguiram no mesmo dia em que as recebi.

LUÍS CARVALHO — Você em que planeta tem estado?... «Gado Bravo» será exibido no cinema «São João», possivelmente no fim deste ano. Não sei o que foi feito da revista porque pergunta. Morreu, suponho eu.

J. SOARES — A Marianela tem estado para fora e nem sequer nos tem escrito dando-nos notícias suas. Mas voltará a aparecer qualquer dia nas páginas de «Movimento». A direcção de Annabella é a seguinte: 19, rue Chauzy La Varenne, S. Hilaire (Seine), França.

# 150...

receptores radiotelefónicos

# CROSLEY

M O D E L O 1 9 3 4

acabam de ser despachados  
na Alfandega do Pôrto

Um receptor CROSLEY será o melhor e mais apreciado  
presente para o

## NATAL

Comprando um CROSLEY para 1934  
V. Ex.<sup>as</sup> compram um receptor para 1936

Os receptores CROSLEY modelo 1934 foram construídos obedecendo a uma  
técnica diferente o que representa um avanço de 2 anos na industria de radio.

**Fixe bem: CROSLEY é um CROSLEY  
e não um vulgar receptor**

Distribuidores exclusivos:

**CASA FORTE S. A. R. L.**

Rua Sá da Bandeira, 281 e Rua Santa Catarina, 20 — Telefone 2425 — PORTO

**Ouçam o Posto Emissor C. S. 1 C. F. CASA FORTE**

**P o r t o   B r a g a   L i s b o a   O v a r**

SÃO JOÃO  
MATINÉE  
DE 7 OU 14  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**50<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
2 ENTRADAS

TEATRO-CIRCO  
MATINÉE  
DE 3 OU 10  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**50<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 Entrada de plateia

O D E O N  
QUALQUER MATINÉE  
ATÉ  
14 DE DEZEMBRO  
**50<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

CINE-OVAR  
MATINÉE  
DE 3 OU 10  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**50<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**A v e i r o**

TEATRO  
AVEIRENSE  
MATINÉE  
DE 3 OU 10  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**30<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**T o m a r**

— TEATRO —  
DE TOMAR  
MATINÉE  
DE 7 OU 14  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**25<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**C o i m b r a**

T I V O L I  
MATINÉE  
DE 3 OU 10  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**30<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

TEATRO  
AVENIDA  
MATINÉE  
DE 3 OU 10  
DE DEZEMBRO  
— DE 1933 —  
**30<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**A l g é s**

C I N E M A  
KURSSAL  
6 OU 13 DE  
DEZEMBRO  
**50<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**F E S T A**

**11**  
**Movimento**

**Vila do  
C o n d e**

TEATRO AFONSO  
— SANCHES —  
QUALQUER MATINÉE  
ATÉ  
14 DE DEZEMBRO  
**50<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**C r u z  
Quebrada**

CINE-PRAIA  
QUALQUER  
ESPECTÁCULO ATÉ  
14 DE DEZEMBRO  
**20<sup>0</sup>/<sub>0</sub>**  
1 ENTRADA

**No próximo número se iniciará um concurso  
organizado de acôrdo com o  
C I N E - O V A R**



# Fábrica Nacional de Relógios

## A BOA REGULADORA

Vila Nova de Famalicão

Madeiras para construção,  
completamente sêcas

Relógios de precisão, à venda  
em todas as relojoarias do país

---

movimento

número 11

quinzenário cinematográfico

1 de Dezembro

1 9 3 3

capa, cómp. e imp. da  
tip. costa carregal  
tr. passos manoel, 27  
p ô r t o

propriedade de  
armando e armando

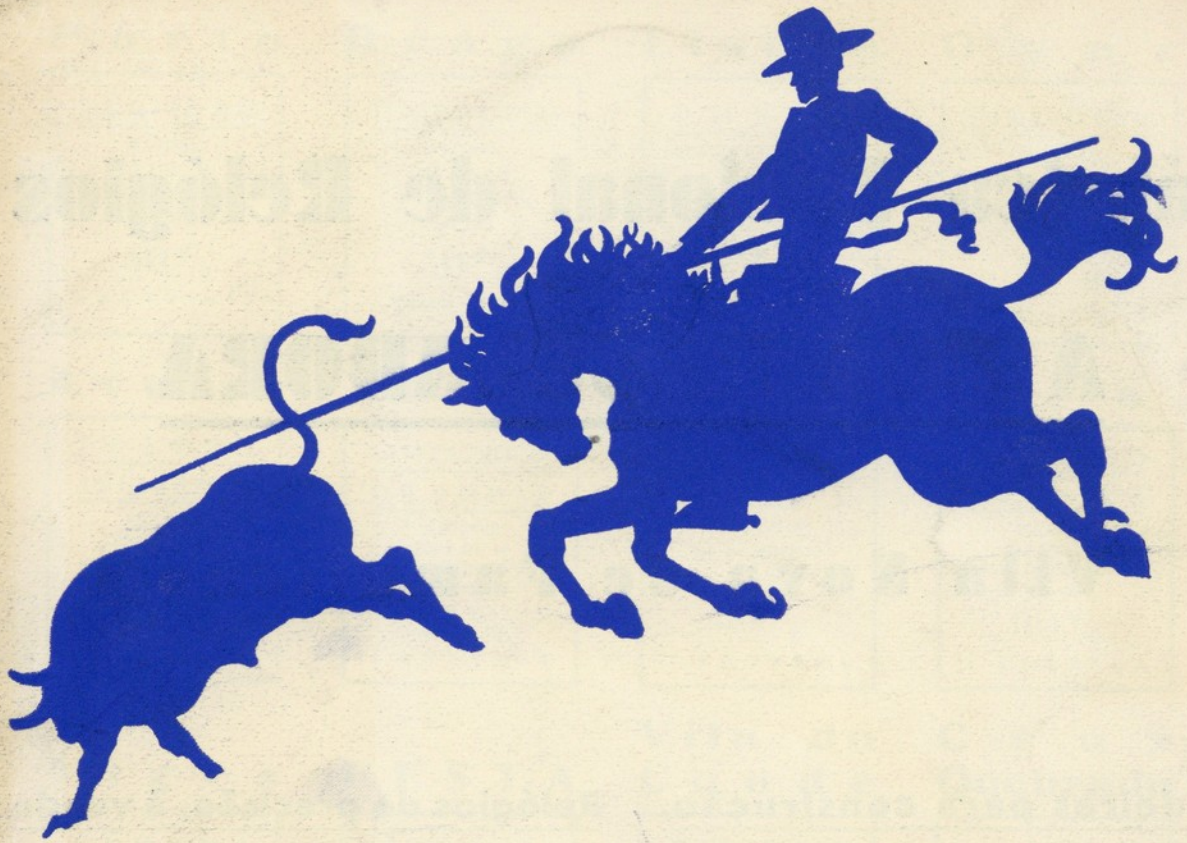
assinaturas:  
6 números — 9\$00  
12 números — 18\$00  
avulso 1\$50

---

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto  
êste número foi visado pela comissão de censura

---



GADO

BRAVO

grande filme português